Luiz Mergulhão

PARTE II
IPOEMA A CONGONHAS

CAMINHANDO PELA ESTRADA REAL

# ESTRADA REAL

## Caminhando de Ipoema a Congonhas




**[Diário de um caminhante]**

Copyright © by Luiz Eugenio Bezerra Mergulhão Filho (Luiz Mergulhão)

TEXTO Luiz
Mergulhão

PROJETO GRÁFICO
Luiz Mergulhão

FOTOS
Luiz Mergulhão, Bueno do Prado Filho, Saulo Froes e Joaquim "Quincas" Ribeiro Barbosa

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Luiz Mergulhão

CAPA Clube de
Autores

REVISÃO
Joaquim "Quincas" Ribeiro Barbosa & Alcina Mergulhão

MERGULHÃO FILHO, Luiz Eugenio B.
2013 Estrada Real: Caminhando de Ipoema a Congonhas/
Luiz Mergulhão – Rio de janeiro: Editora 2005.
161 p. il.: 210 x 297mm

1. Rio de Janeiro (RJ)

2005

*Todos os direitos reservados por Luiz Mergulhão.*
*Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica sem a autorização prévia do autor ou editora.*

Clube de Autores (editora)
https://clubedeautores.com.br
Rio de Janeiro – RJ – Tel.: 55 21 2265-3053

Luiz Mergulhão

# ESTRADA REAL Caminhando de Bom Jesus do Amparo a Congonhas

[Diário de um caminhante]

**Clube de Autores**
**Rio de Janeiro**
**2013**

05 Prefácio

07 Apresentação

10 Voltando no tempo – Expedição Rio/Juiz de Fora (novembro de 1999)

12 Dia Zero: 22/06 – Encontro no Xico da Kafua

21 Dia 1: 23/06 – Saída de BH para Bom Jesus do Amparo e caminhada para Cocais

29 Dia 2: 24/06 – Cocais a Santa Bárbara

41 Dia 3: 25/06 – Santa Bárbara a Catas Altas

55 Dia 4: 26/06 – Catas Altas a Bento Rodrigues

67 Dia 5: 27/06 – Bento Rodrigues a Mariana

73 Dia 6: 28/06 – Mariana a Ouro Preto

85 Dia 7: 29/06 – Ouro Preto a Lavras Novas

99 Dia 8: 30/06 – Lavras Novas a Itatiaia

111 Dia 9: 1/07 – Itatiaia a Ouro Branco

137 Dia 10: 2/07 – Ouro Branco a Congonhas

150 OS CAMINHANTES

152 DICAS IMPORTANTES (o que levar?)

153 CONCLUSÕES

155 Um pouco de história: o porque de poucos mapas?

# Prefácio

## Brasil por dentro

O turismo não nasceu como esporte, nem conheceu escala popular antes de contar com a sustentação dos meios de transportes modernos. Disposição para o desconforto e espírito aventureiro eram, antes, condições para viagens, de negócios ou de passeios, tanto individuais como familiares. O conceito de turismo veio muito depois e, com o tempo, passou a fazer parte dos hábitos da vida em nossos dias. Ganhou status social e cultural. Passou a fazer parte da vida. Viajar deixou de ser privilégio de pessoas de posses e ficou acessível à classe média, no século 20. No Brasil, na passagem para o século 21, está aberto a turista de fora ao nacional.

Foi sobretudo a fé religiosa que movimentou multidões no passado. As romarias e peregrinações a locais sagrados foram precursoras do turismo de massas. Desde a Idade Média, os deslocamentos de fiéis em peregrinações a Santiago de Compostela consolidaram tradição e sobrevivem como demonstração de fé.



Desde antes, Jerusalém, para as três correntes religiosas que ali localizam sua raízes, foi ecumênica. A peregrinação dos árabes a Mecca, onde nasceu Maomé, é ainda em nossos dias fato de interesse jornalístico que se renova todos os anos inclusive como espetáculo digno das câmeras da televisão.

A Tour de Saint Jacques, antigo ponto de encontro dos peregrinos que partiam par a longa jornada à Galícia, ainda é marco de fé cristã em Paris. Com o advento de meios modernos de locomoção, o Século 20 ampliou e facilitou o intercâmbio de viagens a um custo acessível a números crescentes de participantes. A palavra turismo deixou de ser exclusiva de pessoas de nível superior de renda. Empresas de turismo fazem parte do intercâmbio universal vivido pela classe média. Já é um rubrica de peso econômico esse hábito coletivo popularizado.

Na extensão territorial brasileira, o despertar do interesse pelo conhecimento da diversidade de hábitos que identificam a alma nacional foi atendido, no passado, pelos viajantes europeus que cruzaram todas as vias de comunicação em viagens científicas. O Brasil foi cortado e catalogado pelos estrangeiros que nos apresentaram ao mundo como éramos. Saint Hilaire, com suas viagens, Spix e Von Martius, Jean Baptiste Debret com textos e gravuras da sua preciosa "Viagem Pitoresca e História do Brasil", Eschwege com "O Brasil, novo mundo" e tantos outros fundamentaram com livros preciosos uma visão científica do Brasil e dos brasileiros aos olhos de europeus cultos. Até hoje satisfazem com o testemunho estrangeiro o nosso desejo de nos identificarmos com o passado. Suas assinaturas sobrevivem na autoria dos livros, desenhos e pinturas ainda hoje vistos e lidos.

Só na virada do século os brasileiros se deram conta de que contrastes e variedades culturais, geográficas, étnicas formam um potencial turístico cuja prioridade é para os brasileiros, mas aberta igualmente aos estrangeiros. Um foco enriqueceu o turismo, sobretudo no Brasil, com a visão ecológica. O desenvolvimento desse negócio público que é o turismo, já satisfatoriamente organizado, mostra a presença do poder público na criação da infra-estrutura para atender em padrão universal o visitante de fora e os brasileiros.

A construção épica de Brasília e o horizonte de ampliação da fronteira agrícola do Brasil Central despertaram e apressaram o advento do turismo, interno e externo, com motivação ecologia associada à sede de conhecimento histórico. As minas de ouro e o acesso aos diamantes nas Gerais declinaram com a exploração colonial, mas a preservação das cidades que conheceram o fausto temporário responde pelo potencial do tesouro turístico inesgotável.

Minas e o Estado do Rio restauraram juntos o Caminho Velho que ligou na Colônia o litoral ao distante interior. A inspiração ecológica e o desejo de conhecimento pessoal e direto do passado histórico se multiplica rapidamente. Este livro é contribuição a esse veio editorial que se apresenta fecundo pela riqueza de que dispõe. Diz seu autor, Luiz Mergulhão, na apresentação ao leitor, que a essa modalidade de turismo não importa a preferência em relação ao meio de cumprir a jornada: a pé, motorizado, de bicicleta, até de avião. Todos os meios levam às raízes históricas. "O que conta é a viagem", afirma Mergulhão, com conhecimento de causa.

Partindo de Ipoema e alcançando Diamantina, o grupo dos 12 caminhantes reunidos por Luiz Mergulhão fez o que se chama de turismo com base em informação (ecológica, geográfica, histórica), al longo do Caminho Real. O total de 318 fotografias de alta definição dá suporte à narrativa, dia a dia, dos feitos e pequenos contratempos turísticos. A supervisão dos caminhantes foi confiada a um satélite que, do espaço cósmico, velou pelo grupo. Como diz o autor, não é passeio urbano, mas "não tem contra-indicações" para jovens, velhos, mulheres ou crianças. Desde, porém, que bem preparados e munidos de recursos de emergência. O resto o espírito de aventura realimenta.

**Humberto E. C. Mota**
Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico

# Apresentação

Você pode fazer a Estrada Real do modo que achar conveniente: a pé, de byke, moto ou carro. Ou até mesmo de avião. Mas, se não conhecer História do Brasil, não souber o que foram os caminhos Velho e Novo, não caminhar em verdadeira imersão mágica no passado dos tropeiros, dos viajantes para as minas e dos mascates, seria algo assim como você estar indo a um baile de gala, classicamente trajado num impecável smoking preto com faixa de cetim vinho e gravata borboleta de mesma cor para combinar, usando um perfume de noite como Polo ou Dolce & Gabbana, mas tendo nos pés um velho par de tênis branco, daqueles antigos e baratos...

Este foi o segundo de três livros que escrevi sobre nossas caminhadas pela ESTRADA REAL. Antes disso, as informações ficaram em um site que já se perdeu no tempo, em empresas e provedores de Internet que já não existem mais.

Caminhar a pé não é jamais um passeio no parque. Não tem contraindicações para jovens, velhos, mulheres ou crianças, mas cuidados e preparações hão de ser levadas a sério. Conversaremos sobre isso mais adiante, ao final deste livro.

E por que escrever este livro e, mesmo, por onde começar? Eu poderia, sem sombra de dúvidas, partir da deslumbrante paisagem que se inicia na Mata Atlântica, conhecida daqui dos fluminenses e cariocas, passando pelas árvores retorcidas do cerrado brasileiro e terminando na fantástica vegetação rupestre de altitude. Isso tudo entremeados por pássaros mil, jacus, seriemas, sanhaços, maritacas, gaviões e um sem número de outras espécies.

Mas o leitor precisa ter mais algumas informações. Umas históricas, sobre o desbravador que abriu o Caminho Novo, assim chamado por Garcia Rodrigues Paes (ou Pais), filho do Caçador de Esmeraldas (Fernão Dias Paes), que iniciou em 1698, no Rio de Janeiro, por ordem do Rei de Portugal, como alternativa ao Caminho Velho, usado pelos bandeirantes paulistas, que era longo e muito perigoso. Principalmente para os que, se aventurando do Rio de Janeiro, segundo os livros daquela época, "uma vila pequena e mal cheirosa de 2000 habitantes" (devemos acrescentar que São Paulo de Piratininga tinha pouco mais de três mil habitantes contra 40 mil da capital Salvador, ou 30 mil do Recife), ao cruzarem a baía da Ilha Grande, de Angra a Paraty, eram assaltados e mortos pelos piratas daquela famosa e bela ilha.

Outra informação é a de que este escritor participou do que chamamos no governo do estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais de "Projeto Estrada Real", desde setembro de 1999, quando o secretário de Turismo de Minas, do governo Itamar, Antônio Henrique Borges de Paula, se reuniu aqui no Rio de Janeiro conosco, sendo Tito Ryff o Secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo, já que esses caminhos começam ou terminam em nosso estado.

[Bernardo Martins] A reunião que deu o "start" no projeto foi em 13 de setembro de 1999, com o Antônio Henrique na SMDE em Juiz de Fora, com a presença do então Subsecretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado do Rio, o Laufer

Em julho daquele ano, os exploradores Raphael Olivé, autor do "Guia Estrada Real: Rio a Juiz de Fora" (não existe mais) e Márcio Santos, autor do livro "Estradas Reais", da mesma editora, já haviam percorrido de Ouro Preto a Diamantina, na que ficou conhecida como Expedição Spix & Martius, numa homenagem àqueles exploradores do século XIX. Depois, os mesmo estudiosos lideraram duas expedições organizadas pelos governos do RJ e MG, da qual participei. Na primeira, de 13 a 19 de novembro de 1999, saímos num saveiro da Marina da Glória, atravessamos toda a Baía de Guanabara e desembarcamos na foz do antigo Rio Estrela, hoje Inhomirim, seguindo para Petrópolis, Itaipava, Inconfidência (antigo Arraial de Sebollas), Paraíba do Sul, Mont Serrat (ponte sobre o Rio Paraibuna, divisa dos estados), Simão Pereira, Mathias Barbosa e finalmente, Juiz de Fora, mais precisamente no Colégio dos Santos Anjos, antiga fazenda do juiz de fora que deu início àquela cidade. A

segunda, também comigo de mochila às costas, partiu do mesmo ponto onde parara a anterior, em Juiz de Fora, a 22 de abril de 2000, chegando a Ouro Preto em 5 de maio. Daí a importância do autor em conhecer o "pedaço que faltava" dessa incrível estrada, o que só se tornou realidade porque em janeiro deste ano a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e de Turismo teve desmembrado o Turismo, que ficou com o secretário Sérgio Ricardo de Almeida, que anteriormente presidia a Turisrio, empresa de Turismo do estado do Rio vinculada à mencionada Secretaria que agora, apenas de Desenvolvimento Econômico, ganhou, por feliz coincidência, um secretário de estado mineiro, o minas-novense Humberto Mota. Se você desconhece onde fica Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, saiba que se eu começar a falar dela, que também fez história e talvez até mais antiga neste caminho de tropeiros das regiões das minas de ouro e diamantes, será para escrever outro capítulo. Aliás, Minas Novas possui até hoje um belo casarão de oito portas, quatro andares e 52 janelas, que é o mais antigo edifício construído no Brasil, além da única igreja em formato octogonal mourisco. Também aquela cidade detém a marca histórica de ser testemunha do primeiro voto feminino no país. O próprio Tiradentes, herói da nossa Estrada Real (Caminho Novo), lá fora preso por brigas, quando ainda era mascate, antes de ingressar na cavalaria, em que terminaria famoso como alferes... se você ficar sabendo ainda que os bandeirantes paulistas já andavam procurando ouro nos riachos da região de Minas Novas desde 1551, notará que há história suficiente para mais um livro, só sobre essa antiga cidade onde nasceu o secretário Humberto Mota.

Outro fato que impulsionou verdadeiramente a Estrada Real foi o enredo da Escola de Samba Mangueira sobre os Caminhos do Ouro (2004), que trouxe ao Sambódromo do Rio as presenças do governador de Minas, Aécio Neves, da governadora do Rio, Rosinha Garotinho e até do ministro do Turismo, Walfrido Mares Guia, que já liberou verba para a sinalização rodoviária da ER e outras providências.



Foto 1 [Bueno] *Pico do Itambé, com 2055 metros de altitude. Ele vem sendo a referência ao longo da Estrada Real, nesta região, desde o século XVII.(Foto: Bueno do Prado Filho)*




A imagem da capa mostra o Guia da Expedição, Bueno do Prado (à esquerda) e o Autor, Luiz Mergulhão, apoiados em um marco da Estrada Real.

São marcos de concreto com este, aos milhares, que balizam o caminho tanto do Rio de Janeiro a Ouro Preto como desta cidade a Paraty e também, desta cidade a Diamantina. Milhares de marcos mostrando o caminho aos viajantes, por milhares de quilômetros.

E por um dever de justiça e para que não se esqueçam, tudo se deveu a um homem incansável, que criou o Instituto Estrada Real - subordinado à FIEMG, Eberhard Hans Aichinger. Até onde a idade e a saúde deixaram ele, o meu amigo Eberhard, estava em todos os lugares e, em homenagem a ele, usamos as camisetas (como a que Bueno veste) divulgando a ER em todas as nossas caminhadas.



# Voltando no tempo

## 13 a 19 de novembro de 1999

## Expedição Rio/Juiz de Fora

Desde setembro daquele ano que nos reuníamos ou em Minas ou aqui no Rio de Janeiro para montar o Projeto Estrada Real e planejarmos uma expedição mapeadora, refazendo o mesmo caminho percorrido por milhares de viajantes e tropeiros desde o Ciclo do Ouro. Nesta expedição iriam dois representantes do Governo do Estado Rio de Janeiro (eu e Alfredo Laufer), dois do Governo de Minas, um de cada prefeitura envolvida, além do Guia, o professor e historiador Raphael Olivé já mencionado na Apresentação. Na véspera começaram a chegar ao Rio os viajantes e ficamos distribuídos em dois hotéis. Tínhamos de acordar de madrugada, pois às seis horas teríamos de estar na Marina da Glória. Era o dia 13 de novembro de 1999, saímos no saveiro Bruma Seca 1 da Marina da Glória, atravessamos toda a Baía de Guanabara e desembarcamos na foz do antigo Rio Estrela, hoje Inhomirim, em Magé seguindo para Petrópolis pela Serra da Estrela até o alto da Rua Teresa onde dormimos numa pousada do mesmo nome. De manhã cedo saímos com chuva, acompanhados por uma equipe da TV Globo com a Repórter Maria Valente, em direção a Itaipava, passando por Nogueira onde paramos um pouco para descansar e fazer um lanche. A chuva havia parado. No meio da tarde chegamos ao SPA Vila Rica (na época Estalagem do Caminho Novo - tel.: (24) 2223-3277) quase em Pedro do Rio, onde pernoitamos. Muitos aproveitaram as instalações do SPA para revigorantes massagens e saunas.




Saimos num saveiro com destino à foz do Inhomirim...



Subindo a Rua Estrela com destino a Petrópolis



Petrópolis

De Itaipava, dobramos à esquerda na altura de Pedro do Rio e enfrentamos asfalto sem acostamento até Fagundes. De lá ao antigo Arraial do Sebollas já em estradinha de chão o caminho ficou bem mais agradável e fomos caminhando até entrarmos na simpática cidadezinha cujo Museu de Tiradentes guarda belas surpresas. Em Sebollhas, hoje Inconfidência, não há pousadas e normalmente os caminhantes ficam na casa da Professora Rita que em seu quintal construiu um belo alojamento com beliches para dez caminhantes, dois banheiros novinhos e confortáveis. Retiro da Rita, telefone (24) 2266-0806

De Sebollas a Paraiba do Sul foi um dia quente e bonito de sol. Passamos por carros de boi rangendo naquela música característica, cidadezinhas como Queima-Sangue e, já nos arredores de Paraíba do Sul, Fernandó. Atravessamos a grande ponte sobre o Rio Paraíba do Sul e à noite, jantamos num restaurante na agradável Estação de Trem toda reformada a convite da Secretária de Turismo Roseane Gobbi.



Ao fundo, o Museu de Tiradentes em Inconfidência, RJ (antigo Arraial do Sebollas)

Saímos pouco depois das sete da manhã, depois de farto café com frutas e queijos de minas fresquinhos e foi uma caminhada puxada. Nada de água, bares ou cidadezinhas pelo caminho. Fomos cortando fazendas e cruzamos com um ou outro carro de boi carregado de capim,

mas não víamos da estrada as casas de fazenda. O sol forte castigava e minha água acabara antes do destino, mal acostumado que ficara nos trechos anteriores onde sempre haviam bares ou biroscas... Nossa sorte foi que faltando uns cinco quilômetros, vários cavaleiros liderados pelo Luizinho do Hotel Fazenda Santa Helena, foram ao nosso encontro com copinhos de água mineral... Ainda caminhamos um bocado até começarmos a descer e chegarmos à velha Estrada União e Indústria margeando o belo Rio Paraibuna onde suas águas revoltas são atrações para os amantes do "rafting". Viramos à esquerda no asfalto e pouco depois avistamos o gigantesco paredão de Pedra do Paraibuna. Adiante, uma cidadezinha Mont Serrat abriga um grande tesouro da nossa história: o Museu Rodoviário com exemplares das carruagens (parecidas com as velhas diligências do velho oeste americano) importadas da Inglaterra para o transporte de passageiros do Rio a Juiz de Fora nos anos oitocentos. Atravessamos a velha e imponente ponte sobre o Paraibuna e dormimos no Santa Helena, já em terras mineiras (Simão Pereira). No dia seguinte fomos para Mathias Barbosa e depois, a emocionante chegada a Juiz de Fora, mais precisamente no Colégio dos Santos Anjos, antiga fazenda do juiz de fora que deu início àquela cidade.



Já próximo a Werneck uma parada para descanso antes da arrancada final - Paraiba do Sul, RJ...




Parada para descanso e um breve lanche no caminho de Paraíba do Sul para o Paraibuna. Observe as meias colocadas na cerca para secar ao sol...

# Dia Zero
## 22 de junho de 2005 – quarta-feira
## Encontro no Xico da Kafua

"Se todos quisessem, poderíamos fazer do Brasil uma grande nação"
Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes



Foto 003 - Jantar de confraternização entre os caminhantes no Restaurante XICO DA KAFUA, às margens do Anel Rodoviário, em Belo Horizonte (MG). Homenagem do Governo do Rio de Janeiro ao Diretor Geral do Instituto Estrada Real

Eram 6h45 quando peguei a linha vermelha saindo do Rio de Janeiro e ao meio dia chegava a Congonhas, que seria o objetivo final de nossa expedição este ano. Estava ansioso para rever os velhos camaradas da expedição do ano passado, publicada no livro "ESTRADA REAL: Caminhando de Ipoema a Diamantina" e conhecer os novos companheiros já que o grupo passara dos dez para quatorze integrantes, sendo quinze contando com Bruno, piloto do Brutus, o Jeep de apoio. Deixei estrategicamente meu carro no Hotel Colonial, onde nos hospedaríamos daqui a onze dias. O Hotel é



Foto 004 - De terno, o Secretário Roberto Fagundes.

uma gracinha e Lucienne me levou a visitá-lo. Fica defronte a Basílica onde estão os doze Profetas do Aleijadinho. É um casarão centenário, todo em estilo colonial, com estacionamento, piscina e um belo restaurante onde aproveitei para almoçar uma comida típica bem mineira: feijão tropeiro, couve e lombinho. Terminado ao almoço fui para a rodoviária apanhar um ônibus para Belo Horizonte onde ficaríamos hospedados no Serrana Palace Hotel, cujo gerente, o velho conhecido Renato Eulálio, é o dono da Fazenda Recanto do Vale em que ficamos no Vau, na véspera da chegada a Diamantina. À noite, como combinado fomos para o restaurante Xico da Kafua. Além de todo o nosso grupo de caminhantes composto de Bueno do Prado Filho, guia e planejador, Luciana, sua esposa, o casal Quincas e Fina de Diamantina, os três Zés, Geraldo de Itapira, Roberto e Ulisses, de Jacutinga, Andrea Fonseca, geóloga, e as três Froes, Sandra, Angela e Veridiana e eu. Saulo e Alcina, nos alcançariam na sexta, em Santa Bárbara. Tivemos o privilégio de receber também a visita do Secretário adj de Turismo de Minas, o querido amigo Roberto Luciano Fagundes, e várias representantes da Caminhada Feminina, agora em sua terceira edição e que dia 23 de julho sairão para cumprir o mesmo trajeto que nós. Lá estavam Diva Dorothy, convidando para o lançamento do seu Livro "Caminhos do Espinhaço" no dia 27 próximo, Sheila, Deborah Riedel e outras meninas.

Pelas vinte horas chegou Eberhard, Diretor Geral do Instituto Estrada Real que aproveitamos para homenagear com uma placa com os seguintes dizeres:



Homenagem

Homenageamos o Ilustríssimo Senhor Eberhard Hans Aichinger, Diretor Geral do Instituto Estrada Real, pela obstinada determinação e competência com que vem desenvolvendo este projeto que, além de gerar emprego, renda e fomentar o surgimento de novos negócios, preserva o nosso patrimônio histórico e cultural com o resgate de nossa história.

Junho de 2005

Maurício Elias Chacur
Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

Uns jantaram, outros ficaram nos tira-gostos incríveis que o Muraí Caetano mandava preparar, sempre empunhando uma de suas pingas favoritas que a todos distribuía... Por volta das dez da noite começamos a nos dispersar pois teríamos que acordar bem cedinho para pegar uma VAN que a LOKAMIG gentilmente nos colocara a disposição para levar-nos à primeira cidade da odisséia: Bom Jesus do Amparo.

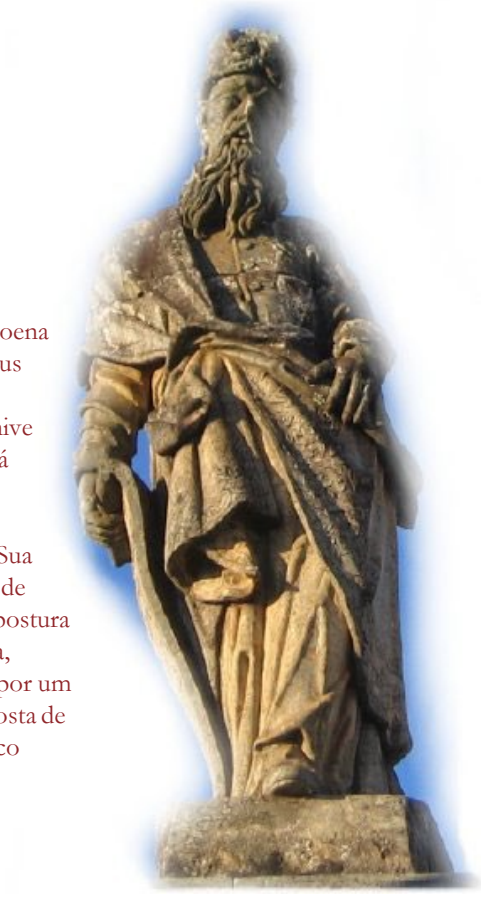
Restaurante Xico da Kafua
Av. Itaú, 1195 - João Pinheiro
ANEL RODOVIÁRIO
30530-080 Belo Horizonte - MG
Tel.: (31) 3375-2640



Foto 005- Luiz Mergulhão, do Governo do Estado do Rio de Janeiro, tendo ao lado Maria Elvira e o Secretário Adj de Turismo de Minas, Roberto Fagundes, inicia a homenagem ao Eberhard, no fundo, de pé, à direita.




Foto 006- Foi entregue ao Muraí do Xico da Kafua um quadro com fotos documentando as nossas saídas de lá, para ser afixado na galeria de fotos do restaurante. Os versos são do poeta Saulo Froes



# PROFETA NAUM

"Expono Niniven maneat quae poena relapsam, Evertendam aio funditus Assyriam." - C 1.
"Exponho que castigo espera Nínive pecadora; declaro que a Assíria será completamente subvertida."

O sétimo dos profetas menores. Sua aparência é a de um velho sereno, de barbas longas, faces maceradas e postura vacilante. Veste uma sotaina longa, abotoada até a cintura e ajustada por um laço do manto. A estátua é composta de dois blocos, com ligação um pouco abaixo dos ombros.

Site da Prefeitura de Congonhas - www.congonhas.mg.gov.br

# Dia 1

## 23 de junho de 2005 – quinta-feira

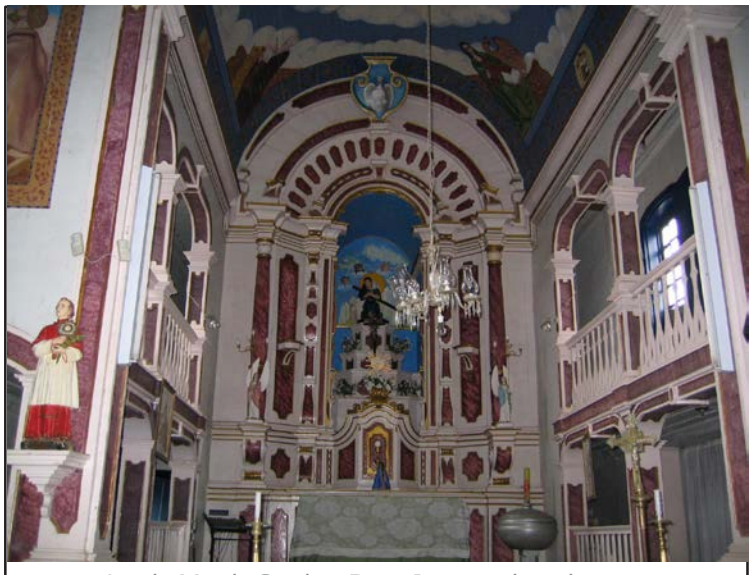
### Bom Jesus do Amparo a Cocais - Distância: 28 quilômetros

**A primeira descoberta oficial de ouro no sertão recém-devassado só foi registrada por Antônio Rodrigues Arzão, possivelmente em 1693, no lugar chamado "Casa da Casca". Todavia, há poucas dúvidas de que Manoel Borba Gato, genro de Fernão Dias, e sua gente foram os primeiros descobridores de ouro, em Sabarabuçu (hoje Sabará), Sertão do Rio das Velhas. De qualquer forma, nos últimos dez anos do século XVII começou a corrida do ouro para as minas, surgidas principalmente em torno de Sabará e Caeté, Ouro Preto e Mariana, São João Del Rei e São José Del Rei (atual Tiradentes).** [1]



No início do século XIX, o coronel João da Mota Ribeiro se fixou na região. Dessa época, a cidade preserva fazendas e igrejas. A 5km da cidade está a Fazenda do Rio São João, de propriedade do coronel, um marco da fundação do município. Até hoje, encontra-se conservado um dos três mirantes ou torreões que sustentavam a sede da fazenda, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O nome da cidade surgiu graças à imagem do Senhor do Bom Jesus, adquirida na cidade de Amparo, em Portugal. A Matriz foi construída em 1841 e ainda guarda esta imagem, que retrata Cristo aos 12 anos de idade. Depois de visitar a igreja, vale conhecer o Memorial Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, que tem grande acervo de fotos, vestuários, medalhas e objetos de uso pessoal da tradicional família mineira.



Igreja Matriz Senhor Bom Jesus - vista da nave

A 69km de Belo Horizonte, ou 2h de ônibus, Bom Jesus do Amparo é daqueles lugares para se esquecer da vida e aproveitar a hospitalidade de uma pousada na fazenda. Se você está atrás dos atrativos naturais, vá até o Recanto das Pedras, um rio com três quedas d'água, cujo leito de rocha tem grandes pedras cercadas por plantas nativas e pastagens.

Em julho, a calmaria habitual é quebrada com a festa do padroeiro Bom Jesus e a festa de São Cristóvão, interessantes manifestações culturais, que compensa serem conhecidas.

Situada em topografia montanhosa e ondulada, Bom Jesus do Amparo tem sua altitude máxima situada a 1.378 metros na Serra da Matinha que integra o complexo do Espinhaço. Sua população, na maioria residindo na zona rural, ocupa-se principalmente do cultivo de arroz, feijão, milho, café mandioca e cana-de-açúcar, além criação de gado e granja. Seu primeiro nome foi Bom Jesus do Rio São João, sendo paróquia em 1858 e cidade desmembrada de Barão de Cocais em 12 de dezembro de 1953 [2]



Igreja Matriz Senhor Bom Jesus

Amanhecia o dia 23 de junho. Para nós, caminhantes, o DIA UM. Pouco antes das sete horas estávamos na porta do Hotel Serrana para embarcarmos numa magnífica Van da LOKAMIG, empresa do Saulo, e seguirmos com destino a Bom Jesus do Amparo. Todos ostentávamos orgulhosamente o novo modelo de chapéu com abas da Estrada Real, muito melhor proteção contra o sol inclemente que teríamos nos dias vindouros. Bueno ainda está arrumando o Jeep. O Brutus não está acostumado com tanta gente e está uma complicação danada para arrumar espaço para tanta bagagem. Mas saímos pontualmente às sete. Chegamos às 9h05. Bueno, congelado de frio apesar de estar usando um Anorak, porque tinha de dirigir um Jeep aberto. Estávamos diante de uma bonita igreja em Bom Jesus do Amparo a qual aproveitamos para visitar. Na igreja, todos de mãos dadas, JR conduziu algumas orações desejando que todos chegassem bem ao final da jornada. Depois, já do lado de fora, fizemos uma série quase interminável de alongamentos. Parecia que a caminhada não iria começar nunca, já diziam os mais impacientes.

Ainda fomos para um barzinho ao lado tomar cafezinho (R$ 0,20) e pãezinhos de queijo de tamanho médio (R$ 0,80). Finalmente soou o apito do guia e iniciamos a caminhada, saindo da cidade por uma estradinha asfaltada, passando por diversas fazendinhas. Não havia acostamento mas passaram poucos carros. Não encontramos a tal porteira onde teríamos de entrar para sair do asfalto e acabamos seguindo até a rodovia federal que tomamos à esquerda.




Foto 007- 09h45 - A foto no início da grande jornada...